

DISGRAFIA NAS PERTURBAÇÕES DO ESPETRO

ESTRELAS E OURIÇOS



A Disgrafia é um problema persistente que afeta o ato motor da escrita e, conseqüentemente, o seu traçado. A escrita requer um grande investimento... um investimento de energia, de concentração, de tempo, e até mesmo de dor e de frustração, muitas vezes ampliadas pela constatação de que o esforço realizado não foi o suficiente. Segue-se geralmente, uma perda de confiança e, com esta, o repúdio deste tipo de tarefas.

Tal como as demais dificuldades de aprendizagem específicas, a Disgrafia pode ser devastadora para a autoestima de uma criança. A escrita de uma simples frase envolve uma complexa sincronização de funções motoras e cognitivas. Uma dança precisa e delicada entre o pensamento e o movimento interrompida ou atrasada pela Disgrafia. Perturbações a este nível podem interferir com a capacidade de expressão e de apresentação dos conhecimentos por via da escrita.

Apesar de não constituírem um sintoma essencial ao diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo (em particular, a Síndrome de Asperger), frequentemente encontram-se lacunas no controlo motor e na percepção visual que contribuem para uma deficiente qualidade de escrita. Existe um efetivo e acrescido risco de presença de uma Disgrafia em crianças com esta perturbação. Para algumas, as produções são

ilegíveis (para os outros, mas também para as próprias), a pinça é executada de modo grosseiro/desajeitado e a forma das letras revela-se extremamente irregular. Para outras, o desenho das letras é aceitável, mas fazem-no à custa de dor, de muito esforço e de uma evidente demora. No final, a folha esborratada e desarrumada é o campo de batalha que espelha os confrontos que diariamente se travam.

Apesar de existir heterogeneidade no desempenho escrito das crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (em resultado da heterogeneidade inerente ao espectro que as caracteriza), a rigidez no traçado, o desalinhamento da escrita e as alterações na dimensão, apresentam-se como características típicas da sua caligrafia, que habitualmente resultam em comprometimentos na legibilidade das suas produções.

Pais e professores, muitas vezes procuram justificar estas reais limitações na escrita com o reduzido empenho e desleixo das crianças. Contudo, arrisco-me a afirmar que não haverá uma criança disgráfica que o seja por preguiça. Como pode uma criança que tem de reescrever o que já tanto lhe custou a fazer, que passa os intervalos a trabalhar e que demora a terminar o que os colegas terminam em cinco minutos, ter interesse em que a situação continue? Se pensarmos que grande parte do tempo escolar é despendido em tarefas de escrita, facilmente depreendemos que os obstáculos sentidos adquiram um eco desmedido. A frustração que resulta irá funcionar nas experiências seguintes como um óbvio entrave.

Poderão ser realizadas inúmeras acomodações para as crianças com Disgrafia, mas a utilização da tecnologia é uma forma efetiva de minimizar algumas das suas dificuldades. O uso do computador, e em particular, do processador de texto, traz óbvias vantagens: permite editar e corrigir o que foi redigido sem necessidade de o escrever novamente, efetuar cópias apresentáveis de um trabalho ou visualizá-lo em diferentes dispositivos e introduzir conteúdos por intermédio de um teclado (e não pela manipulação de uma caneta). Para além dos benefícios técnicos incontestáveis, o uso do computador é um claro incentivo à escrita, sobretudo, para as crianças com Perturbação do Espectro do Autismo, que habitualmente partilham este interesse.

Na escola do futuro (corrijo... do presente), o saber não está mais na “ponta” da caneta, mas na “ponta” dos dedos.

Conteúdo desenvolvido por Carla Cohen

Psicóloga Educacional & Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação

carla.cohen@pin.com.pt

